



LEI N.º 2102, DE 13 DE AGOSTO DE 1959
DA O NOME DE OTÁVIO NETO A UMA RUA DA CIDADE
A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO
MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Otávio Neto a Rua 10 do Jar-
dim Aurélio, a qual, tendo início na Rua 14, termina na Rua Joa-
quim Ulisses Sarmiento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua pu-
blicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de agosto de 1959.

José Nicolau Ludgero Maselli — Prefeito Municipal

Enqo. José Benedito de Mello — Sec. de Obras e Servs. Públicos
Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Mu-
nicipal, em 13 de agosto de 1959

Álvaro Ferreira da Costa — Diretor

(143)

Reparando injustiças

OTAVIO NETO - mais um que a cidade esqueceu

— Alair Malta Guimarães —

Otávio Neto foi um desses grandes do passado de Campinas, onde nasceu a 4 de abril de 1883 e faleceu a 29 de julho de 1941. Era filho do casal Domingos Luiz Neto e de dona Ana Luiza de Araújo Neto.

Para falarmos de Otávio Neto, não sabemos que destacar: o rotariano, o apaixonado pela música, o beletриста, o cidadão, ou o jornalista de segunda linha?

Para não cometermos injustiças, deixemos que fale Artur Leite de Barros, e, do jornal o "Correio Popular" de 8 de janeiro de 1948, transcrevemos:

"... Com o aperfeiçoamento da máquina, desenvolveu o gosto pelo concreto e mecanizou o espírito. Hoje pouco se medita, pouco se raciocina. Vive-se de impressões visuais e auditivas. As mentalidades são plasmadas pelo cinema, rádio e jornal ilustrado. O próprio pensamento se industrializa e estandardiza como veloz transporte de idéias fabricadas em série para consumo do mercado social. As palavras não mais obedecem ao ritmo da imaginação. Não tem colorido e entonação. Dentro dessa revolução mental a conversação deixa de ser arte sutil e encantadora para os sobreviventes de outras eras.

Sujeitou-se, Otávio Neto, alguma vez a essa mecânica intelectual? Não. Otávio Neto jamais abdicou dos rigorosos princípios que cimentavam a sua inflexível personalidade. Imbuído de espírito clássico, conhecia o valor espiritual das conversações. Conversações calmas sobre confortáveis triclinos ou em amenos passeios, reveladas nos "Diálogos de Platão" que constituíram semente preciosa para a floração da filosofia.

Otávio, porém, não se limitava a apreciar a conversação sobre esse relevante aspecto. Ele a praticava com brilho e maestria.

Palavra fácil e simples, despidida de circunlóquios redundantes e floreios perniciosos. Locução perfeita, voz suave e gestos fidalgos. Agil, imaginoso, eloquente, não interrompia os interlocutores para exibir sagacidade. Tinha, contudo, resposta pronta para qualquer interpelação. Não procurava dominar a palestra. Adaptava-se ao assunto que agradasse aos circunstantes. Com finura, polidez, verve e sobretudo, próprios temas. Sem postura, didáticos temas. Em postura, didática, sem dogmatismo pedante. Sabia falar e ouvir. Sabia agradecer, sorrir e gargalhar, mas não sabia denegrir ou molestar ninguém.

Onde e como adquirira esses predicados de magnífico cavaqueador? Instruído e educado na Suíça, completara a sua cultura estética no convívio social e em memoráveis viagens, quando o turismo ainda não se reduzira a prosaica indústria, sujeita a horários draconianos, fiscalização bancária e informações cronológicas de mercenários cicerones. Viajara, não à volta do seu quarto como Xavier de Maistre, mas intensamente, folheando o grande livro que é o Mundo — consoante lapidar expressão do admirável Eça de Queirós ao traçar a biografia do legítimo príncipe da Grã-Ventura. Percorrera vários países. Visitara vários países. Visitara Museus. Contemplara monumentos, primores arquitetônicos e paisagens notáveis. Frequentara concertos, teatros, campos esportivos, exposições de pintura e escultura...

Parece que aí está dito tudo quanto se poderia desejar. Mas... Que fez Otávio Neto para me-

recer uma homenagem de Campinas?

Difícil responder a esta pergunta. Tantos e tais foram os seus feitos que impossível seria enumerá-los, todos.

Por exemplo. Na Imprensa foi um incansável batalhador pelas coisas de sua querida Campinas. Mais de uma centena de artigos sobre os mais variados assuntos ele escreveu: Ainda agora temos em mãos um recorte de jornal — não sabemos qual a data ou mesmo o nome — sabemos, isto sim, tratar-se de um recorte de jornal do seu tempo, e dele vamos reproduzir algo.

Seu título: A Arte e os Artistas de Campinas

Assunto: Descaso com que os campineiros olhavam, na ocasião, a arte.

Eis alguns trechos:

"... Campinas foi sempre uma grande família laboriosa e unida cujos lazeres eram dedicados a reuniões onde a dança, devaneio saudável da mocidade, nem sempre constituía o atrativo único. A música e a literatura, reuniam com notável frequência, em concertos e conferências, as famílias da sociedade culta da cidade.

A arte, portanto, foi, desde os primeiros tempo da sua radicação em Campinas, cultivada como uma necessidade espiritual.

Tempo houve em que Campinas recebeu o título tão honorífico e tão justamente conferido de "Athenas Paulista".

Carlos Gomes, por si só, constituiu a glória perene, não apenas da sua cidade natal como também do Brasil e das Américas.

Da família Gomes saíram outros artistas: Santana Gomes, irmão do grande maestro, violinista e compositor de talento; dona Joaquina Gomes, irmã dos precedentes, e na atual geração, Alfredo Gomes e Iberê Gomes Grosso, insígnies violoncelistas; Ilara Gomes Grosso, pianista de escol e Edgard Gomes Pinto exímio violinista.

Maria Monteiro, flór ceifada em pleno viço.

Forçoso é confessar que o entusiasmo pela arte gloriosa de Santa Cecília tem sobremodo arrefecido de alguns anos a esta parte. E o mesmo se dá no tocante às outras modalidades de arte. Há pouca gente nos concertos, nas conferências literárias e nas exposições de pintura que por vezes aqui se realizam.

Mas temos fé em que essa apatia artística de nossa gente será transitória. Como quer que seja, há em Campinas um bom número de instituições que propugnam nesse sentido. E' muito vasto o contingente de professores — que em Campinas se dedicam não só à música, mas também às outras modalidades de arte.

A coordenação de tanta perseverança, boa vontade e dedicação, acabará por vencer. E a vitória não está longe.

Campinas, que ora atravessa um surto admirável de progresso econômico e material, não descuidará da sua alimentação espiri-

tual. Não desilustrará os seus títulos de Princesa D'Oeste e Athenas Paulista...

Oitava, pois, Otávio Neto, as artes e as atividades de Campinas, com verdadeiro carinho, tal como se fôra o dono de tudo isto aqui. Não tivesse ele partido e teria a oportunidade de presenciar que o seu grito de alerta não foi em vão, pois Campinas de hoje já tem público para tais solenidades. Não tivesse ele partido e ficaria, na certa, sem palavras para expressar a sua surpresa ante o progresso por que a sua cidade natal passa no momento.

A ele, Otávio Neto, Campinas deve a instalação, na cidade, da Caixa Econômica Federal. Não fôsse a sua firme vontade quando membro do Conselho Diretor do estabelecimento e não teria-mos hoje esse monumental bloco de concreto localizado à rua Barrão de Jaguará no cruzamento

com a rua da Conceição. E que fez a Caixa Econômica? Homenageou-lhe a memória denominando o estabelecimento com o seu nome e fazendo inaugurar o seu retrato num dos salões do estabelecimento. Com isso a Caixa reverenciou aquele que, no período de 1934 a 1939, foi seu diretor.

Otávio Neto partiu aos 29 dias do mês de julho do ano de 1941, há 16 anos, portanto. A 30 do mês seguinte, as saudades dos seus amigos e rotarianos que resolveram prestar-lhe significativa homenagem e essa homenagem foi prestada numa missa e romaria ao seu túmulo, ao pé do qual, num brilhante improviso, o Dr. Carlos Penteado Stevenson pronunciou uma oração simples no estilo mas maravilhosa e sentimental na doçura dos versos que transcrevemos:

São decorridos 30 dias que cerraste teus olhos e em paz perene adormestece.

Em tua plácida fisionomia de justo, não tiveste um rictus de tormento nem um sulco de angústia a perturbar

Tem semblante de serenidade assim, inesperadamente colhido, pela surpresa do sono Eterno.

Enquanto dormes, nós, os teus amigos rotarianos, velamos teu profundo e calmo sono, trazendo flores que simbolizam Saudades.

Guardando permanentemente, Dentro de cada um de nós, Uma lembrança viva de ti.

Não me saís da memória... vejo-te, teu porte, tão distinto e comedido, E' de um gentleman britânico; Mas a mentalidade é bem latina, cheia de sutileza e bom humor.

Tua elegância moral, Todavia, E' que mais profundamente Permanece gravada em minha mente E na recordação de todos nós.

Armado de sólida cultura, Ao par, De incedível bondade Tu soubeste servir rotarianamente, E conquistar Amizades numerosas E tantos companheiros devotados.

Somos nós, Teus amigos rotarianos, Que velaremos com o coração Teu sono Eterno, até também quedarmos.

Por nossa vez, Sob este chão, Para sempre, ADORMECIDOS.

Apelamos, pois, ao ilustre Chefe do Executivo Campineiro, o Prefeito sr. Ruy Hellmeister Novaes, que determine seja re-

